

Projecto Despertar

A Equipa de Rua da Cruz Vermelha Portuguesa da delegação da Maia elege como principal objectivo a redução de riscos e a minimização de danos da comunidade toxicodependente, procurando ainda responder a todos aqueles que são marginalizados, nomeadamente sem-abrigo e trabalhadores sexuais. Esta equipa de rua procura também promover as redes sociais junto da comunidade toxicodependente, contribuindo para a integração dos utentes na sociedade e comunidade, como também contribuir para a diminuição da exposição da comunidade maia a doenças que colocam a saúde pública em risco. Numa altura em que a Cruz Vermelha comemora 150 anos de existência, Dependências foi conhecer este projecto da delegação da Maia, iniciado em 2009, guiados por Marta Garcia.

Que principais objectivos orientam o projecto Despertar?

Marta Garcia (MG) – A nossa grande intervenção insere-se no eixo da redução de danos. Pretendemos reduzir os riscos e minimizar os danos a uma população alvo constituída por populações vulneráveis como toxicodependentes e sem-abrigo e promover a aproximação destas pessoas aos serviços sociais e de saúde da comunidade que entendamos necessários. Contamos com uma abordagem no âmbito da enfermagem, da psicologia, tivemos educador de pares, temos uma educadora social e fazemos o acompanhamento do utente às estruturas necessárias. Desenvolvemos igualmente um trabalho com as famílias.

Em que medida se apresenta a Maia uma cidade problemática ao nível da toxicodependência?

MG – Temos problemas de toxicodependência, de consumos nocivos de álcool, consumos de heroína e cocaína, de drogas consideradas mais leves como a cannabis e o haxixe e ainda a existência de alguns sem-abrigo.

Que respostas têm para oferecer aos sem-abrigo?

MG – Neste momento temos poucas... O nosso projecto contempla apoio psicossocial e cuidados de saúde.

Que territórios se afiguram mais complicados para a prossecução da vossa intervenção?

MG – Actualmente, intervimos no centro da Maia e na freguesia de Nogueira. Na sequência do diagnóstico territorial que foi realizado, estamos a tentar alargar a intervenção aos territórios que foram identificados como mais problemáticos, nomeadamente Águas Santas e Pedrouços. Nesta fase, estamos a tentar promover a aproximação da comunidade através de estratégias de aproximação e são estes os territórios que estão a consumir a maior parte das nossas energias para a prossecução da intervenção.

Que ecos têm tido do consumo de cannabis por parte da população mais jovem?

MG – Temos detectado um acréscimo do consumo de cannabis, de haxixe e de álcool, a exemplo do que encontramos nos indicadores nacionais. Relativamente a cocaína e heroína, a tendência aponta para uma estagnação. Heroína menos um pouco e cocaína a manter-se...

Esses jovens que consomem regularmente cannabis pedem ajuda às estruturas de proximidade?

MG – Não me parece que considerem o consumo problemático e, nesse sentido, não nos procuram. No entanto, porque também têm necessidades socioeconómicas, conseguimos chegar a essa população...

Têm algum tipo de intervenção junto das escolas?

MG – Neste momento, não temos qualquer intervenção nesse contexto, que se insere muito mais no eixo da prevenção. No entanto, consideramos que a redução de danos complementa muito todas as outras áreas e pode mesmo fazer a diferença na vertente da prevenção, do tratamento e da reinserção.

Como avaliam o papel da família no âmbito da intervenção do projecto Despertar?

MG – Consideramos o papel da família bastante importante e, por isso, temos um papel activo com a família dos nossos utentes. Pelo suporte, sobretudo emocional, que pode dar, assume uma função muito importante. Intervimos junto da família dos nossos utentes.



Marta Garcia